

PAULO, OS JOGOS E A LINGUAGEM ESPORTIVA

Zuleica Aparecida Silvano

Resumo

O esporte representa um dos principais componentes do mundo do espetáculo em todos os tempos. Paulo soube utilizar toda uma terminologia esportiva em suas cartas. O mundo helênico valorizava, sobremaneira, as atividades esportivas individuais, bem como, as disputas, torneios e competições em nível regional. A competitividade era uma marca registrada da cultura helênica. O “uso da linguagem e imagens desportivas, em Paulo, é semelhante ao uso simbólico-metafórico que verificamos no livro da Sabedoria, mormente para ilustrar elementos do agir cristão”. Paulo saberá fazer uso da linguagem que apela para a luta, a conquista, a competição (do grego agón: competição, lugar de luta, estádio; e agonízomai: lutar, competir) a fim de descrever a atitude que deve mover o cristão em sua missão evangelizadora. Essa linguagem “agonística” representa uma interessante pedagogia a ser seguida, inclusive hoje, a fim de atualizarmos a comunicação no processo da evangelização. Paulo procura aproveitar o que há de bom no “espírito esportivo” para aplicar aos evangelizadores.

Palavras-chave: *Esportes. Helenismo. Competição. Luta. Linguagem agonística. Metáfora.*

Abstract

Sports represent one of the main ingredients inside the world of spectacles of all times. Paul was able to use a whole sportive terminology throughout his letters. The Hellenic world overestimated the individual sportive activities, as well as the regional disputes, tournaments and competitions. The competitive edge was a trademark of the Hellenistic culture. The “usage of sportive language and images, in Paul’s writings, resembles the symbolic-metaphoric usage we find out in the Book of Wisdom, used mostly to illustrate elements that presents Christians a way of living out their faith. Paul will be able to use the language that leads to fighting, conquering, competing (springing from Greek word agón: competition, a fighting place, stadium; and agonizomai: to fight, to compete) aiming to describe the attitude that should lead Christians to take over the mission of evangelizing

all peoples. The “agonistic” language represents an interesting pedagogy that should be followed –even today– as means to upgrade the process of evangelization.

Keywords: *Sports. Hellenism. Competition. Fight. Agonistic language. Metaphor.*

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a imagem e o significado de expressões referentes ao campo esportivo, nos Escritos Paulinos.

Mas antes de abordarmos o tema principal, mencionaremos alguns aspectos sobre os jogos na cultura grega, sobretudo greco-helênica, sua continuidade no Império Romano e a introdução dos jogos na Antiga Judeia, no período dos Macabeus. Após essa introdução, apresentaremos um panorama sobre as expressões relativas aos jogos em Paulo e a análise de três perícopes dos escritos considerados “autênticos” (protopaulinos), nos quais tais expressões são significativas.

Os jogos na cultura grega¹ e no período do Império Romano

As práticas esportivas eram relevantes na Grécia, por ser uma cultura fortemente marcada pela competição. As cidades investiam na construção de ginásios e a atividade física era parte integrante do processo formativo e educativo dos gregos².

Eram realizados os jogos pan-helênicos e locais. Entre os pan-helênicos destacam-se os Jogos Olímpicos em Olímpia, considerados os mais antigos³, os Píticos em Delfos, os Ístmicos em Corinto, os Jogos Nemeus em Nemeia e os Pan-Ateneus em Atenas. Nos jogos pan-helênicos e nos locais eram também promovidas competições musicais, literárias e outros eventos.

Existiam várias modalidades esportivas, predominando o atletismo. As práticas mais importantes eram as corridas rústicas, salto à distância, o lançamento de dardo e de disco. Nas corridas equestres predominavam as de cavalo de sela ou de carros (as *bigas*, e as *quadrigas*).

1. ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. *Estudos de História da Cultura Clássica: Cultura grega*. 3.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1970. p. 253-261.

2. DURANDO, F. *A Grécia Antiga*. Barcelona: Ediciones Folio, 2005. (Grandes civilizações do Passado).

3. Para aprofundamento sobre os jogos, LEÃO, D.F.; FERREIRA, José Ribeiro; FIALHO, Maria do Céu. *Cidadania e Paideia na Grécia Antiga*. São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra: CECH, 2011. p. 127-128. (Clássica Digitalia Brasil. Autores gregos e latinos. Série: Ensaios).

Outra modalidade importante era o *pentatlo*⁴, que era composto por cinco provas: o lançamento de disco e de dardo, o salto em comprimento, a corrida de estádio e a luta. A sua finalidade era provar a resistência do atleta. Entre os esportes combativos destacam-se as lutas livres, o pugilato e o *pancrácio* (*pankrátion*) que era uma luta, ou combate sem armas.

Com o passar do tempo, no mundo grego houve uma conexão entre o atletismo e o treinamento militar. Desta forma, os competidores eram, na sua maioria, militares. Porém, manteve-se o aspecto educativo e formativo (*paideía*), talvez como herança das práticas de iniciação à coragem, à virtude e à habilidade guerreira.

Um fator relevante na Grécia antiga é que a vida religiosa era inseparável da vida social e política, por conseguinte os jogos pan-helênicos e os festivais eram eventos religiosos⁵. Deste modo, eram dedicados aos deuses ou ao deus mais importante da cidade-sede das competições. Assim, os jogos em Olímpia e Nemeia eram dedicados a *Zeus*, em Delfos, a *Apolo* e a *Poseidon* (deus do mar) em Corinto.

O vencedor dos jogos pan-helênicos recebia uma coroa de folhas como de louro, salsa, oliveira, ou lhe eram dados outros objetos de prêmio, como uma ânfora de fino óleo de oliva. Ao retornar à sua cidade natal, o atleta vencedor poderia receber dinheiro, honras cívicas ou refeição à custa da cidade e permanecia a sua fama. Havia também um discurso para exortar e encorajar o vencedor e outros atletas.

Outro elemento característico dos jogos pan-helênicos era a “trégua sagrada”, que consistia na suspensão das hostilidades entre as cidades em guerra no período da realização dos jogos a fim de garantir a segurança.

Com Alexandre Magno e no período dos selêucidas, houve uma proliferação das competições e festivais nas cidades que eram dominadas pelos gregos. Essa “expansão esportiva” fazia parte do projeto de dominação cultural, que podemos chamar de helenização⁶.

No período da dominação do Império Romano⁷, em Roma, as competições atléticas continuaram e foram promovidas pelos imperadores Augusto, Nero, Adriano. Porém, os romanos não tinham um espírito competitivo como os gre-

4. O termo em grego é *péntathlon*. Uma palavra formada por *penté*, que significa “cinco”, e *athlos*, que podemos traduzir por “competição”, “luta”, “combate”.

5. Para aprofundar confira: VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

6. Para o aprofundamento sobre o helenismo, confira: TOYNBEE, Arnold J. *Helenismo: história de uma civilização*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar 1969. (Coleção Biblioteca de cultura histórica).

7. LIBERATI, Anna Maria; BOURBON, Fabio. *A Roma Antiga*. Barcelona: Ediciones Folio, 2005. (Grandes Civilizações do passado).

gos, preferindo os jogos lúdicos e eram mais espectadores do esporte do que competidores. Nos chamados *ludis*, marcados por espetáculos e jogos lúdicos, também eram distribuídos cereais ao povo. Este procedimento tornou-se num dos mais poderosos instrumentos de dominação das elites políticas, minimizando a revolta popular. Porém, essa prática foi criticada nos versos do poeta latino Juvenal (o seu nome em latim era *Decimus Iunius Iuvenalis*), na *Sátira X*, 77–81⁸, que a sintetizou na expressão “pão e jogos circenses”⁹, popularmente conhecida como “pão e circo”.

Um jogo que sobressaía, no período do Império Romano, era a luta dos gladiadores. Inicialmente era um jogo em honra de algum militar morto, mas depois o patrocínio de jogos de gladiadores se tornou um sinal de afirmação social e política. Fazia parte da identidade romana. Deste modo, os gladiadores, escolhidos entre os escravos, criminosos e prisioneiros de guerra, eram previamente treinados para exercer essa função e especializados em diferentes tipos de combate, com armas e técnicas específicas. O adversário poderia ser outro gladiador ou animais selvagens.

No período da dominação romana, nota-se uma continuidade das práticas e dos espaços esportivos da cultura grega também nos países outrora dominados pelo Império Greco-helênico. Verificam-se, ainda, construções de teatros, arenas, circos, termas, deste período, na Palestina (ou Antigo Israel) e em outras cidades (como, por exemplo, a arena encontrada em Éfeso). As arenas, em forma circular ou oval, eram destinadas para as lutas dos gladiadores, mas também para eventos esportivos, musicais e teatrais.

Os circos eram baseados nos hipódromos e estádios gregos e serviam para realizar batalhas, corridas de cavalos e outras diversões.

Nas termas eram incluídas uma praça de esporte (*palestra*) e um pátio chamado *sphaeristerium* em latim (grego *sfairistérion*) destinados a exercícios pessoais (*palestra*) e para jogar bola (*sphaeristerium*) antes do banho. O jogo mais popular era o *trigon* (composto de três pessoas) e o *harpastum*, no qual o jogador permanecia em poder da bola e suportava os choques dos membros do grupo adversário.

Os jogos na Antiga Judeia no período dos Macabeus

Após a vitória de Alexandre Magno contra o Império Persa, iniciou-se a difusão da língua, dos costumes, da forma de viver e da cultura greco-helênica, por todas as regiões que estavam sob o seu domínio; entre elas, a Antiga Judeia.

8. Juvenal nasceu, provavelmente, entre 50-60 E.C. e faleceu no início do II século E.C. Todos os versos da obra “Sátira X” de Juvenal estão disponíveis em <<http://www.thelatinlibrary.com/juvenal/10.shtml>>. Acesso 3 jun. 2013.

9. A frase em latim presente nos versos de Juvenal está na forma acusativa: *panem et circenses*.

Foi neste período que edificaram teatros, termas e nos ginásios se praticavam esportes. Mas, tanto com Alexandre Magno como com os ptolomeus, não havia uma interferência direta nos assuntos internos da comunidade cultural de Jerusalém. A direção do povo estava nas mãos do sumo sacerdote, que poderia administrar os assuntos judaicos, com a aprovação do soberano helenístico.

Com a vitória dos selêucidas sob os ptolomeus, houve uma mudança na gestão política, pois eles procuravam unificar os diversos povos dominados mediante a promoção da cultura helênica. Deste modo, em 175 a.E.C., sob o domínio de Antíoco IV Epífanes, Jasão, sumo sacerdote, contribuiu para o processo de helenização¹⁰ em Jerusalém. Ele construiu um ginásio, onde os jovens praticavam esportes e também os sacerdotes o frequentavam. Neste período, Jasão inscreveu a juventude da classe superior na *ephebeia* (*efêbeion*), uma organização semelhante a uma escola militar para rapazes entre os 18 a 20 anos de idade, na qual aprendiam a manejar armas, a dedicarem-se à cultura literária e à prática de exercícios corporais. Ele também obrigou-os a usar o *pétaso* (*pétasos*), um chapéu semelhante ao de Hermes, o deus das lutas e das competições, e a praticar o atletismo (2Mc 4,7-15). A introdução da prática esportiva, no período dos Macabeus, era problemática no Antigo Israel, pois acelerava o processo de infiltração da cultura greco-helenística nos costumes judaicos, levando à infidelidade à *Torah* e à rejeição dos costumes, dos valores dos pais e da fé judaica. Portanto, a atitude de Jasão foi duramente criticada pelos judeus. Também os jogos quadrienais celebrados em honra de Hércules, em Tiro, conforme o modelo dos jogos Olímpicos e os de Pítia, foram considerados uma abominação idólatra (2Mc 4,18).

Nota-se ainda que se na literatura grega a linguagem agonística era utilizada para descrever o herói helênico, que lutava pela virtude e pelo ideal ascético, em viver a perfeição moral, na literatura judaica, deste período dos macabeus, a terminologia esportiva era aplicada na luta heroica do justo, para manter as suas convicções. Um exemplo é o texto de 4Mc¹¹ que compara as competições atléticas e a paixão dos mártires, que lutavam até o extremo sacrifício por suas convicções religiosas, por sua fidelidade a Deus e a *Torah*. Porém, com a aliança entre a Dinastia Asmoneia e o Império Greco-helênico e outros fatores políticos, econômicos, culturais arrefeceram as críticas contra a helenização. Verifica-se nos textos bíblicos, deste período e do início da dominação romana, o uso metafórico de imagens esportivas, para representar o empenho e as renúncias necessárias para o exercício da virtude e da vida moral, ou ainda da sabedoria (Sb 4,2), assemelhando aos clássicos da literatura helênica e aos escritos dos filósofos, sobretudo dos estoicos e dos cínicos.

10. O livro de BOFFO, L. *Inscrizione greche e latine per lo Studio della Bibbia*. Brescia: Paideia, 1994, p. 104-112, apresenta uma inscrição de Antíoco IV Epífanes sobre a helenização em Jerusalém.

11. Verificar os capítulos 11, 13, 15 e 16.

A linguagem e as imagens agonísticas nos Escritos Paulinos

Não constatamos nenhuma crítica às práticas esportivas nos Escritos Paulinos, como acontecia no período dos Macabeus. O uso da linguagem e imagens desportivas, em Paulo, é semelhante ao uso simbólico-metafórico que verificamos no livro da Sabedoria, mormente para ilustrar elementos do agir cristão. Isto ocorre, provavelmente, porque Paulo nasceu e viveu em cidades onde predominava a cultura grega (consideradas pelos judeus como cidades da diáspora) ou por exercer a sua missão junto aos gentios nas cidades gregas ou helenizadas. Um aspecto curioso, neste sentido, é que apesar de Paulo evangelizar cidades como Corinto, famosa pelos jogos Ístmicos no século I, ele não faz nenhuma menção sobre a sua participação ou até mesmo sobre esse evento.

Com relação ao uso da linguagem agonística nos escritos proto-paulinos, constata-se que Paulo utiliza o substantivo *agón*, o verbo *agonízomai* e o substantivo *agonía*. Neste sentido, uma novidade paulina é o uso do verbo “co-lutar” ou “lutar com” (*synagonízomai*, cf. Rm 15,30). Essa terminologia esportiva grega pode ser traduzida por “lugar de luta”, “assembleia”, “estádio”, “combate”, “luta”, “batalha” ou “competição”¹² (*agón*) e o verbo seria “competir” ou também “lutar” (*agonízomai*).

Entre as metáforas e imagens esportivas, nas cartas protopaulinas, predominam aquelas referentes à luta e às corridas rústicas¹³ e a ênfase no objetivo principal dos jogos: atingir a meta, o alvo. Nesse sentido, Paulo fala do esforço tenaz, gratuito, apaixonado, sofrido, a fim de atingir a meta que consiste no serviço ao Reino ou em comunicar o Evangelho. Evangelho entendido como o anúncio da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Outro elemento característico dos jogos, que emergem das Cartas Protopaulinas, é a referência metafórica do “prêmio” ou da “coroa”, como sinal de vitória. Porém, para Paulo o prêmio conquistado pelo empenho dos cristãos e cristãs varia, sendo em alguns casos a salvação individual, comunitária e universal (1Cor 9,24-27), em outros a “ressurreição”, o “reino” ou ainda a “vocaçào”.

Outro aspecto agonístico sublinhado por Paulo é a renúncia, a necessidade do esforço físico, mental, psíquico e afetivo do atleta, a fim de concentrar energias em prol do objetivo (cf. 1Ts 2,2). Nesta perspectiva, é digna de nota a concepção paulina de renúncia, pois não é sublinhada a dimensão negativa da palavra, mas a positiva, como consequência da opção previamente assumida (cf. 1Cor 9,25.27).

12. MONTANARI, Franco et al. ἀγών. In: *Vocabolario della lingua greca*. 2. ed. Torino: Loescher, 2004. CD-ROM.

13. Confira: SAMPLEY, J. Paul. *Paulo no mundo greco-romano: um compêndio*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 315-318.

O sofrimento provindo da luta e a luta como martírio, temas clássicos dos livros dos Macabeus e os do Novo Testamento (cf. Hb 10; 11; 12,1; 2Tm 4,6; 1Tm 6,11s), ocorre somente em Fl 2,17. Nota-se que Paulo não considera como martírio somente o momento da morte, mas para ele o martírio é a constante luta do cristão, no empenho em viver com fidelidade a sua participação no Mistério Pascal e na esperança do seu triunfo final, a Ressurreição.

Outra constatação é a fusão entre o uso do termo “luta” no sentido esportivo e no sentido militar nas Cartas Paulinas.

O papel dos adversários, unidas a linguagem e metáforas desportivas, é praticamente insignificante nas cartas paulinas. Porém, há alusão dos mesmos em Fl 1,28; 1Ts 2,2 e há uma referência em 2Cor 7,5.

As expressões referentes aos jogos são utilizadas quando Paulo aborda temas éticos, assemelhando-se aos filósofos, porém não se limita a essa dimensão. Em 1Cor 9,24-29, Paulo emprega a metáfora da corrida rústica num estádio e o pugilato para exortar os coríntios a uma mudança de mentalidade e o esforçar-se em vista do “prêmio imperecível”, expressão carregada de sentido escatológico. Outras ocorrências das imagens da corrida rústica e das lutas estão em Fl 3,12-14 e em 1Cor 4,9.

Há em 1Cor 15,32 uma referência à luta com feras em Éfeso e em 2Cor 4,8-11 emprega imagens tomadas das lutas gregas, como o pugilato ou o pancrácio ou outra possibilidade das lutas romanas dos gladiadores, para descrever a sua participação no Mistério Pascal de Cristo. Porém, o foco não é aquele que vence, mas aquele que está perdendo, para frisar a graça do Senhor que atua na fragilidade do missionário.

Passaremos, agora, à análise de 1Cor 9,24-27; Fl 3,12-14 e 2Cor 4,8-11, para percebermos o uso das imagens agonísticas, em textos significativos da literatura paulina.

Análise de 1Cor 9,24-27

O capítulo 9 da Primeira Carta aos Coríntios está inserido na sessão de 1Cor 8,1–11,1 e dentro desse conjunto forma uma unidade retórica, na qual Paulo estabelece um diálogo com os coríntios sobre as discussões referentes ao consumir ou não as carnes sacrificadas aos ídolos. Com relação a essa problemática, podemos distinguir dois contextos nos quais essas carnes eram consumidas. O primeiro era a prática de vender, nos mercados, parte das carnes sacrificadas aos deuses. O segundo contexto consistia na participação dos banquetes pagãos, diante do convite dos parentes ou de cocidadãos, por ocasião de celebrações oficiais da cidade.

Paulo relativiza o problema, servindo-se do princípio do monoteísmo, o qual afirma a inexistência de outros deuses. Portanto, as carnes vendidas nos

mercados são sacrificadas para alguém que não existe. No entanto, diante do escândalo que estava provocando, em alguns membros mais “frágeis” da comunidade, ele aconselha a evitar a compra e o consumo das mesmas, priorizando o princípio da caridade.

Desta maneira, Paulo não responde à problemática contingente com um mero “é lícito” ou “não”, mas a ilumina com critérios mais profundos, conduzindo os coríntios, neste caso, a iluminar o seu modo de discernir e o agir cristão, tendo como parâmetro o seguimento de Jesus Cristo e o estar a serviço do Evangelho. Assim sendo, Paulo propõe uma mudança de mentalidade.

Quanto ao segundo, com relação aos banquetes, Paulo aconselha a não frequentarem, pois não seria somente consumir as carnes sacrificadas, mas participar do culto aos deuses (cf. 1Cor 10).

Retomando o texto, encontramos desde o início duas perguntas retóricas (v.1ab) e nelas Paulo apresenta as duas grandes premissas que desenvolverá no decorrer do capítulo: Não sou livre? Não sou apóstolo? A primeira proposição será argumentada nos v. 19-24 e a segunda nos v. 1c-18.

Nota-se, neste capítulo, que Paulo não tem como finalidade defender o seu ser apóstolo ou sua liberdade, mas apresentar-se como exemplo¹⁴ de quem é capaz de renunciar seus direitos a serviço do Evangelho, exemplificando o conselho dado em 1Cor 8,9. Essa renúncia dos seus direitos é motivada nos v. 12b.15-18, ampliada nos v. 19-23 e apresentada a necessidade do empenho como exortação aos coríntios nos v. 24-27.

Nos v. 1c-2, Paulo trata sobre a origem do seu ser apóstolo e nos v. 3-14 elenca os seus direitos (v. 4-7), fundamentados não somente na razão humana, mas na lei (cf. v. 9-10 baseado em Dt 25,4). Logo depois expressa o seu objetivo que consiste em não colocar obstáculo ao Evangelho (v. 12b). Ele fecha essa sessão com os v. 13-14, que é o clímax das provas anteriores, isto é, ele faz tudo por um mandato do Senhor.

Nos v. 15-18 continua a argumentação apresentando os motivos para a sua renúncia. Nestes versículos, Paulo admite as suas necessidades, as quais poderiam ser saciadas ao aceitar receber os direitos que lhe são devidos. Entretanto, tem consciência de que ele é um servo administrador, e da mesma forma que recebeu o evangelho de graça, o anuncia gratuitamente, sendo essa sua missão, o seu único motivo de glória.

A primeira metáfora esportiva, implicitamente presente nos v. 1c-18, ocorre no v. 12, quando Paulo afirma que não deseja colocar “obstáculo” ao evangelho de Cristo. Paulo usa um substantivo grego (*enkopé*), o qual ocorre somente

14. Confira PEREIRA DELGADO, Álvaro. *De apóstol a esclavo: El exemplum de Pablo em 1Corintios 9*. Roma: G&BPress, 2010. (Analecta Biblica, 182).

uma vez no Segundo Testamento (é um *hapaxlegomenon*), que traduzimos por “obstáculo”. Entretanto, o verbo da mesma raiz grega (*enkóptō*) está presente em outras citações no epistolário paulino (cf. Rm 15,22; Gl 5,7; 1Ts 2,18) e significa “frear”, “impedir”, ou “atrasar”, impossibilitando que uma pessoa siga o seu caminho, prossiga naquilo que desejava realizar. Uma citação que ajuda a avaliar o termo no v. 12 como uma metáfora esportiva é Gl 5,7.

Mas, o que significa colocar “obstáculo ao Evangelho de Cristo” em 1Cor 9,12? Há inúmeras interpretações, porém a mais plausível é aquela possível de inferir do próprio contexto literário. Ou seja, nota-se a plena consciência de Paulo com relação à graça da sua vocação, a plena gratuidade do amor de Deus e da doação gratuita e livre de Jesus ao projeto do Pai. Deste modo, a vida de Jesus nos revela até que ponto um ser humano é capaz de entregar sua vida ao projeto de Deus e, até que ponto, Deus é capaz de entregar seu Filho por amor à humanidade. Portanto, se Paulo aceitasse os direitos como faziam os outros missionários, estaria, no seu modo de pensar, aviltando a primazia do Evangelho (v. 15-18), a gratuidade do seu chamado e da missão que lhe fora confiada.

Nos v. 19-23, o autor amplia a sua argumentação, afirmando que não renunciou somente aos direitos que o seu ser apóstolo lhe conferia, mas também a sua liberdade (9,19), que é a fonte de todos os direitos, tornando-se assim escravo para se adaptar aos fracos.

Percebe-se que há um abaixar-se progressivo e uma continuidade com os argumentos anteriores. Visto que, ao renunciar seus direitos, Paulo necessita trabalhar manualmente e se preocupar com o seu sustento, assemelhando-se à condição de escravo, até à renúncia da própria liberdade (v. 20-22a). No entanto, com uma finalidade específica: ganhar a maior parte para o evangelho e para que sejam salvos (v. 22b-23). Deste modo, é importante ter presente que não é um simples renunciar e adaptar-se às circunstâncias, mas há uma finalidade (anunciar a salvação por meio de Jesus Cristo) e uma profunda motivação (o Evangelho).

Esse rebaixar-se à condição de escravo representa a fidelidade de Paulo ao seguimento de Jesus Cristo. Pois, o Jesus que Paulo segue e convida a comunidade de Corinto a seguir, não é um Cristo glorioso, pleno de “pomposas”, mas é o Messias Crucificado (1Cor 1-4). Assim, ao aludir à relação do seu apostolado com o ser escravo, o Apóstolo está tentando ajudar os coríntios a tomarem consciência de que, apesar da conversão, eles ainda estão presos aos critérios da sabedoria humana, eloquência, reconhecimento, honra, poder e riqueza. Diante de tais critérios, proliferam as divisões na comunidade. Ao detectar essa problemática, não basta uma mudança superficial ou uma atitude isolada, mas um verdadeiro processo de conversão, uma real mudança de mentalidade, num esvaziar-se de si mesmo.

O autor continua sua argumentação utilizando a linguagem e metáforas esportivas nos v. 24-27, a fim de aconselhar a comunidade de Corinto a fazer o

mesmo. Portanto, há uma passagem entre os argumentos anteriores, nos quais Paulo era o exemplo, para a exortação propriamente dita nos versículos finais.

A primeira pergunta que podemos fazer é: Por que Paulo utiliza a linguagem e metáforas esportivas para exortar os Coríntios? Paulo emprega essa linguagem agonística como uma forma de aproximar-se da realidade da comunidade. Pois, como vimos anteriormente, Corinto era a sede dos Jogos Ístmicos. Outro motivo era a familiaridade dos coríntios com essa linguagem, por ser empregada pelos filósofos para encorajar e exortar seus interlocutores à vivência e ao crescimento ético, visto que era uma cidade privilegiada pela presença de filósofos, sobretudo, pelos estoicos e cínicos. A única diferença entre o discurso de Paulo e dos filósofos, era que a ética não está baseada nas virtudes, mas na participação no Evangelho, no seguimento a Cristo (cf. Fl 2,1-11).

Retomando os v. 24-27, nota-se que é possível estruturá-los em três momentos, baseando-se no destinatário ou nas pessoas envolvidas no discurso, ou seja, o v. 24 é dirigido aos coríntios, o v. 25 fala de “nós” e nos v. 26-27, Paulo fala de si mesmo.

O primeiro aspecto que é importante destacar é que, se nos v. 12.15-18 as motivações estavam associadas à vocação de Paulo, como apóstolo e enviado por Deus, nos v. 24-27 baseia-se na cristologia, ética e escatologia, as grandes colunas de todo ser batizado. Outra mudança que se constata nesses versículos, é que se até então Paulo sublinhava a necessidade de considerar o caminho dos frágeis, agora é possível individuar elementos direcionados aos “fortes” (v. 24-25), não obstante seja uma exortação para toda a comunidade. Neste aspecto, nota-se a estratégica argumentativa de Paulo, pois se para si escolhe um exemplo proveniente da situação de um escravo, para os considerados “fortes” escolhe um exemplo do campo semântico atlético, caracterizado pela honra, pela vitória.

Outro recurso retórico, é que Paulo, num primeiro momento, apresenta o seu exemplo de renúncia para um bem maior: a participação no Evangelho (v. 23). No passo seguinte aplica o seu exemplo aos interlocutores, a fim de reafirmá-lo e de envolver a comunidade a fazer o mesmo.

Ao partir do pressuposto de que no v. 12 há uma metáfora desportiva, no sentido de não colocar obstáculo ao evangelho, mas deixá-lo correr livremente (cf. Gl 5,7), o v. 24 retoma essa metáfora da corrida, radicalizando o exemplo de Paulo.

A expressão “todos correm, porém somente um obtém o prêmio” (v. 24), que inicialmente poderia parecer contraditória ao relacioná-la com o desejo de Paulo de que todos se salvem (cf. v. 19-23), torna-se uma frase enfática, com a função de persuadir os coríntios a se esforçarem igual ou mais do que os atletas. Função essa claramente demonstrada na frase imperativa seguinte: “correi, portanto, de maneira a consegui-lo”.

No v. 25, Paulo alude à renúncia dos atletas que se privavam de tudo o que poderia desviá-los da meta, mas, sobretudo, se abstinham da relação sexual e de alimentos, a fim de fortalecerem seus corpos. Esses dois elementos eram também os temas principais dos grandes conflitos vividos pela Comunidade de Corinto (cf. 1Cor 5–11), sendo que o último é justamente o que está sendo analisado neste capítulo. Nota-se, contudo, que a finalidade de Paulo era exortá-los à coerência com o seguimento de Jesus Cristo.

Com relação à coroa (v. 25), sabemos que na época ela não representava somente a vitória, ou indicava quem era o vencedor, mas simbolizava a honra e a glória por ter sido o primeiro numa competição. Mas, a expressão “coroa imperecível” neste contexto pode estar relacionada com a glória, porém no sentido escatológico, que podemos chamar de salvação ou até mesmo de ressurreição dos mortos na *Parusia*. Esse uso da metáfora da coroa com sentido escatológico, além de estar presente em autores judeo-helenísticos (por exemplo, Filon), está presente em outros textos do Segundo Testamento (2Tm 4,7-8; Tg 1,12; 1Pd 5,4; Ap 2,10).

No entanto, para o Apóstolo, a salvação consiste em crer em Jesus, Messias e Senhor, aquele que foi ressuscitado e que é o fundamento da nossa ressurreição nos finais dos tempos (cf. 1Cor 15). Deste modo, há uma expectativa para o futuro, porém esse crer implica um processo de mudança de mentalidade, assumindo valores éticos que são intimamente ligados ao seguimento de Cristo, dentro de uma comunidade de fé. Em síntese, significa já viver como uma “nova Criação”, condição essa iniciada no Batismo.

Deste modo, verifica-se que o autor recorre à linguagem simbólico-metafórica do campo semântico desportivo, para retoricamente tentar estabelecer uma conexão entre a renúncia atual (o renunciar à liberdade), que por si é exigente e o prêmio final. Esse procedimento, em associar uma atitude ética com elementos escatológicos, reforça a argumentação e extrapola uma motivação meramente circunstancial. Assim, não basta ser batizado ou receber um mandato e um envio, nem basta participar numa comunidade para garantir a salvação (a vitória), é necessário ir além, participar de forma empenhativa, tendo como objetivo a vivência da caridade, que não é uma mera virtude, mas nasce da opção fundamental a Jesus Cristo.

Nos v. 26-27, Paulo novamente se serve do seu exemplo, mostrando que também ele se esforça para manter a sua meta, a fim de testemunhar aquilo que anuncia.

Na metáfora do pugilato (v. 26), visualiza-se que o adversário não é outra pessoa, mas o seu próprio corpo (*soma*). A palavra “corpo” nos remete a vários significados. Pode ser o corpo físico; o corpo como oposto ao ser guiado pelo Espírito; a totalidade da pessoa de Paulo, ou o corpo como o conjunto das suas relações com ele mesmo, comunitárias, com os outros e com Deus. Acreditamos

que um significado não exclui os demais, mas torna a expressão mais rica de interpretação. Desta forma, Paulo e os coríntios podem controlar seus corpos físicos, no contexto da frase, não comendo das carnes sacrificadas aos ídolos. Pode também controlar seus corpos para viver eticamente e deixarem-se conduzir pelo Espírito e não pela “carne”. Nessa perspectiva, pode ser visto no sentido de privar-se da própria liberdade, em favor dos irmãos mais frágeis na comunidade. Ou ainda, aludir ao sofrimento físico, pelo trabalho manual para o próprio sustento ou aos inúmeros sofrimentos e necessidades que o missionário experimenta por amor ao Evangelho, pela dedicação incondicional a Jesus Cristo e à missão (cf. 1Cor 4,8-13; 2Cor 4,7-12; 11,23-29).

Portanto, a linguagem e a metáfora desportivas reúnem vários significados, radicalizando a argumentação de Paulo ao projetar para a dimensão escatológica. Porém, sem deixar de reafirmar a necessidade do esforço de uma mudança de mentalidade e do viver “já” o que realmente significa o seguimento à pessoa de Jesus Cristo e a sensibilidade com o processo do outro que caminha conosco.

Análise de Fl 3,12-14

O texto de Fl 3,12-14 está inserido na segunda parte da carta aos Filipenses (Fl 3,1-4,1), na qual Paulo exorta a comunidade, tendo como parâmetro o seu próprio exemplo¹⁵. É um capítulo diferente dos anteriores pelo caráter polêmico, porém o conteúdo está interconectado com aquele presente no capítulo 2, visto que há uma relação entre Fl 2,5-11 que trata sobre o esvaziamento (*kenósis*) e a exaltação de Jesus Cristo por meio da ressurreição e Fl 3,4-14 com a *kenósis*¹⁶ de Paulo e a sua esperança na ressurreição. Outro paralelo entre esses capítulos (2-3) é o tom ético-cristológico-soteriológico.

É possível subdividir o texto de Fl 3,1b-16 em quatro partes: 1) a exortação sobre os adversários e a justificação (Fl 3,1b-4a); 2) o exemplo de Paulo (3,4b-13); 3) argumentos sobre a vivência cristã e 4) a conclusão exortativa. Iremos apontar algumas chaves de leitura dessas duas primeiras partes do capítulo três, a fim de ajudarmos na compreensão dos v.12-14, relevantes para a nossa temática.

Nos v. 2-4a, o autor exorta os filipenses a não se deixarem influenciar pelos adversários. O apóstolo não evidencia quem são esses, mas emprega três expressões fortes com um tom de invectiva, com a finalidade de destruir a credibilidade

15. BIANCHINI, Francesco. *Lettera ai Filippesi*. Introduzione, traduzione e commento. Milano: San Paolo: 2010; BARTH, Gerhard. *A Carta aos Filipenses*. São Leopoldo: Sinodal, 1983 e GNILKA, Joachim. *A Epístola aos Filipenses*. Petrópolis: Vozes, 1978. (Col. Novo Testamento. Comentário e Mensagem, 11).

16. Para aprofundar: MARGUERAT, Daniel. Paulo e a Lei: a reviravolta (Fl 3,2-4,1). In: DETTWILER, A.; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, D. (orgs.). *Paulo, uma teologia em construção*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 267-291.

de que essas pessoas têm dentro da comunidade. Paulo apresenta os adversários como: “cães” (*kyōn*), “maus operários” (*kakoùs ergátas*) e “mutilados” (*katatomé*).

A palavra “cães” no Antigo Testamento designa o ímpio em geral (Sl 22,17), ou é dirigido aos pastores que não estão a serviço do povo, mas dos seus próprios interesses (cf Is 56,11). É uma expressão presente na literatura rabínica e no Novo Testamento para referir-se aos pagãos (*Mishnah Nedarim* 4,3¹⁷; Mt 7,6; 15,26). Além desse sentido, há ainda o de denominar o malvado e/ou o herético (2Pd 2,22; Ap 2,15).

A expressão “maus operários” na literatura paulina se refere aos falsos apóstolos, pessoas que realmente não seguem a Cristo (2Cor 11,13).

O termo “mutilado”, no contexto da carta, parece ser uma referência depreciativa à “circuncisão” e evoca a ideia de “castração”. O que nos parece estranho, por ser utilizada por um judeu que conhece o papel fundamental da circuncisão, dentro do judaísmo. Deste modo, podemos lê-las como expressões carregadas de sentido retórico com a finalidade de abalroar o adversário.

Diante dessas expressões, muitos biblistas formularam várias hipóteses. Alguns afirmam que o autor retrata os gnósticos, outros os adeptos aos cultos pagãos, ou ainda os judeu-cristãos. Porém, a hipótese mais provável seria identificá-los como os judaizantes, os judeu-cristãos oriundos de Jerusalém. Essa opção sintoniza com os argumentos apresentados por Paulo nos v. 3-6, pois sabemos que os judaizantes pressionavam os cristãos oriundos do paganismo a assumirem os sinais do judaísmo, em particular, a circuncisão, a observância da lei mosaica e das leis alimentares (cf. Gl 1–2).

Nos v. 4-11, o Apóstolo nos fornece informações sobre a sua pessoa, como uma espécie de autoelogio, acentuando a sua superioridade, como argumento, provavelmente, contra o discurso dos adversários, tendo presente a possível problemática mencionada acima. Ele elenca os dons recebidos e os adquiridos. Entre os recebidos, sublinha a sua origem judaica, o pertencer ao povo de Israel, a circuncisão, a proveniência de uma tribo privilegiada e a origem hebraica dos seus genitores. Quanto aos dons adquiridos destaca a sua formação dentro do grupo dos fariseus, a mais rigorosa na observância da lei mosaica; o seu ser irrepreensível com relação à prática da justiça e sua total fidelidade à lei. Entretanto, todos esses elementos que poderiam trazer vantagem, “ganho”, Paulo os considera como “perda”, como “estrume”, como “excremento” (*skýbalon*).

Do ponto de vista retórico, há um contraste entre o movimento ascendente das informações sobre a vida de Paulo (autoelogio), para o movimento descendente dos v. 7-8, enfatizando a comparação entre o antes do encontro com Cristo

17. LA MISNÁ. Tradução de Carlos Del Valle. 2. ed. Salamanca: Sígueme, 2003. p. 531. (Biblioteca de Estudios Bíblicos, 98).

e o depois da sua experiência de viver em Cristo (v. 9-11) e participar do Mistério Pascal.

Os v. 12-14 servem para precisar uma possível incompreensão do itinerário paulino, ou seja, ele ainda não se considera como alguém que atingiu a meta (*teleiôo*), mas que está a caminho. É dentro deste contexto que o autor recorre à linguagem e imagens esportivas, de forma simbólico-metafórica, já empregadas em 1Cor. Porém, agora, o prêmio é o da “vocação do alto que vem de Deus em Jesus Cristo”.

Apesar de não ser tão claro, o que o autor entende por “vocação do alto”, podemos dizer que faz parte do seu itinerário de fé e é o diferencial entre o uso dessas metáforas esportivas em Filipenses e em Coríntios, visto que na 1Cor 9,24-27 o referencial era o ministério do anúncio do Evangelho. Entretanto, em Paulo é difícil separar o seu itinerário de fé do aspecto ético, do anúncio do Evangelho e da dimensão escatológica também presente nesse texto, visto que para ele todas essas dimensões não são corolário da fé, mas é a própria fé.

Nos v. 12-14 transparecem uma tensão entre o “já” e o “ainda não”, entre o “presente” e o “futuro”, porém não são elementos que se contrapõem, mas criam um movimento, que é confirmado pela imagem da “corrida” (cf. v. 12.14).

Antes de tudo, é preciso considerar que Paulo no v. 12 alude ao início dessa caminhada, por meio da sua experiência inicial de Jesus Cristo. Experiência essa que também os filipenses fizeram no momento da sua adesão e ao celebrar o Batismo. Porém, não é algo definitivo, mas é um começo de caminhada. Logo, exige continuar, não simplesmente caminhando, mas realmente se empenhando: “correndo”.

No v. 13, Paulo afirma “esquecendo o que ficou para trás”, provavelmente referindo-se a tudo aquilo que poderia prendê-lo, sejam os elementos elencados nos v. 4-7, ou tantos outros motivos secundários que poderiam amarrá-lo ao passado, ou a si mesmo, para “lançar-se para frente em direção ao alvo, à meta”.

Um verbo importante é o “lançar-se” (v. 13), o “prosseguir em vista da conquista” que está intimamente ligado com o alvo que é o “prêmio” (v. 14). É inegável o uso da linguagem agonística no verbo “lançar-se”, se recordarmos o lançamento de disco, de dardo ou o salto em distância. Em todo caso, o uso metafórico do “lançar-se” alude certamente à seriedade, à responsabilidade do cristão e da cristã em assumir o seu seguimento a Jesus Cristo e assim viver de forma ética, como batizado, na esperança da plena vida e comunhão com Deus na *parusia*.

Voltando-se à expressão “o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Jesus Cristo”, podemos interpretá-la como estando relacionada à noção de *vocação* no pensamento paulino, de *salvação* ou até mesmo de *ressurreição*, sentido já elucidado em 1Cor 9,24-25. Num esforço de tentar compreendê-la, podemos nos perguntar: o que Paulo entende por *vocação*?

Paulo não define o seu conceito de vocação, mas diante das ocorrências do termo podemos dizer que somos chamados à vida (Rm 4,17); a sermos inseridos na história da Salvação, por meio do Batismo (Rm 8,30); à vivência cristã (1Cor 1,8-9), a sermos conformes a imagem do seu Filho e a uma missão específica. Diante dessas constatações, e do estudo das ocorrências, nota-se que a sua noção de vocação origina-se do desenrolar do conceito de eleição. Com relação às semelhanças entre o conceito de eleição e vocação está o protagonista do chamado, que sempre é de Deus, pois na concepção paulina a origem da salvação e sua presença dentro da história dependem unicamente da liberdade e da iniciativa do Pai. Outra semelhança são os elementos que foram elencados acima, ou seja, o chamado à vida, ao inserir na História da Salvação e a missão específica, são elementos próprios do chamado dos Patriarcas, Matriarcas, de Moisés, dos Profetas. No entanto, há mudanças significativas, como o afirmar que Deus não chama somente os judeus, mas também os gentios, ou seja, toda a humanidade. Outra diferença está em ver a eleição numa nova perspectiva, marcada pela vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus. Portanto, se há um chamado, a resposta deve ser a adesão à pessoa de Jesus Cristo. Deste modo, podemos dizer que o termo “chamado”, “vocação”, no pensamento paulino, indica a nova condição do fiel, renovada à luz do mistério cristão.

Também é possível detectar quatro elementos fundamentais do uso paulino do termo “chamado” ou “vocação”. O primeiro, já elucidado anteriormente, é o cristológico, ou seja, toda história vocacional encontra a sua raiz profunda na pessoa e na missão de Jesus Cristo e é nele que cada cristão é chamado a configurar-se.

O segundo aspecto está na constatação de que a vocação define o *status* existencial da “comunidade”, pois ela é constituída de pessoas chamadas a viver a unidade, a acolher o Evangelho e a realizar com fidelidade o Projeto do Pai, na santidade (1Ts 1,12; 4,3).

O terceiro elemento é que o chamado de Deus define o que significa uma pessoa totalmente livre, pois essa liberdade nasce da sua comunhão com a Palavra da salvação, envolvendo-a num itinerário de fé, na história, e num contínuo processo de abertura ao Mistério Pascal. Por último, Paulo une o termo “vocação” com a esperança, pois o viver a vocação é um pré-anúncio do chamado último e definitivo de Deus.

Portanto, todos são chamados a assumir, de forma responsável, a sua missão diante do projeto de Deus. Deste modo, com o termo “chamado”, Paulo define o *status* teológico do fiel inserido em Cristo, capaz de ler todas as situações da vida na ótica vocacional, como dom e missão, apelo e resposta, esperança do cumprimento futuro (sentido escatológico) e o empenho responsável com o presente (esperança histórica). Pois, vivendo o seguimento estamos já antecipando o que iremos viver de forma definitiva na ressurreição.

Assim, ao analisar a expressão “o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Jesus Cristo” podemos entendê-la como sendo a plenitude do seguimento, que consiste nessa comunhão plena com Jesus Cristo, que inicia no ato do Batismo e continuará por toda a eternidade. Nota-se, portanto, que há uma fusão entre a noção paulina de “vocação”, “salvação” e “ressurreição”, ou seja, entre as várias possibilidades de interpretar o sentido metafórico do “prêmio”. Porém, não podemos focar a noção de “prêmio” na recompensa, mas na gratuidade de Deus que chama, nos concede a salvação e nos ressuscitará por amor.

Essas concepções paulinas nos ajudam a tomar consciência da nossa responsabilidade com relação à vocação que nos foi dada e o empenhar-se como um atleta que se lança sempre para frente, sem perder de vista “o alvo”, o “prêmio” que, como vimos, é viver intensamente nossa comunhão com o Cristo, o Senhor.

Análise de 2Cor 4,7-11

O último texto com o uso da linguagem e de imagens agonísticas, apesar de ser de forma implícita, é o texto de 2Cor 4,8-11¹⁸. Esta perícopa está inserida num contexto de defesa de Paulo, com relação ao seu ministério e o seu ser apóstolo (cf. 2Cor 4,1-6), sob a ótica daquilo que ele descreve como “ministério da Nova Aliança” (cf. 2Cor 3,1-18).

Após a afirmação sobre o objeto da Nova Aliança (que é o anúncio de Jesus Cristo) e a origem do seu ministério apostólico (2Cor 4,6), o apóstolo contrasta a grandeza desse ministério e a sua fragilidade (4,7-12). Esse contraste reforça que o dom da salvação não vem por intermédio humano, mas do próprio Deus. Para ilustrar esse seu argumento ele utiliza duas imagens, a do “tesouro” e a do “vaso de argila”. Porém, pela polissemia dessas imagens, elas podem nos remeter a outras realidades, tornando possíveis novas interpretações. A primeira seria sublinhar a função instrumental do vaso; ou seja, a pessoa humana é um instrumento nas mãos de Deus (Is 64,7), que mesmo frágil é continuamente modelada por Deus (Jr 18,1-11), ou seja, configurada conforme a imagem de Cristo que porta dentro de si (2Cor 3,18). É possível ainda estabelecer um paralelo com Rm 9,21 e enfatizar o aspecto da vocação e da eleição divina, que em Jesus Cristo chama tanto os judeus como os gentios.

Ao focalizar o opaco da argila em contraste com o brilho do tesouro e os argumentos que antecederam nossa perícopa (4,1-6), poderíamos frisar a luz resplandecente da glória de Cristo (“tesouro”) que reluz em nossos corações (v. 6), que resplandece na totalidade do nosso ser (“vaso de argila”). Ou ainda, considerando a linguagem agonística que precede a imagem do “tesouro” e do “vaso

18. Para o estudo da perícopa: BEST, Ernest. *II Corinzi*. Torino: Claudiana, 2009 e MANZI, F. *Seconda Lettera ai Corinzi: nuova versione, introduzione e commento*. Torino: Paoline, 2002. (I Libri Biblici: Nuovo Testamento, 9).

de argila” (v. 8-9), podemos relacioná-las à prática de ungir o corpo dos atletas com azeite e de deitá-los na terra, para evitar que a pele se tornasse escorregadia, tornando-os semelhantes a vasos de argila.

Diante dessas possibilidades, nota-se que a simbologia reafirma a origem divina do seu apostolado e, portanto, que o Evangelho não tem sua origem em suas capacidades e que o sucesso do seu ministério e a vitalidade do mesmo não derivam da sua dedicação, mas da potência de Deus. Deste modo, no corpo de Paulo, sofrido apostolicamente, revela a presença de Cristo Crucificado e Resuscitado.

Após o v. 7, Paulo passa a ilustrar a sua realidade como ministro, servindo-se de imagens esportivas (v. 8-9). Os paralelismos antitéticos, presentes nesses versículos, criam uma vivacidade e estabelecem uma tensão, enfatizando as diversas tribulações enfrentadas pelo Apóstolo. Apesar de ser um simples “vaso de argila”, frágil, ele é capaz de resistir a tantas adversidades. Aqui, surge uma realidade paradoxal, pois se por um lado a força para resistir está em carregar dentro de si a potência do “tesouro” que é o Evangelho, por outro lado o sofrimento que o apóstolo passa é justamente por causa desse “tesouro”.

As imagens presentes nos v. 8-9 são identificadas, pelos comentadores, como provavelmente provenientes ou das lutas livres, do *pentatlo* ou do *pancrácio*, que consistia em vencer o adversário utilizando a própria força física sendo, portanto, legítimo o uso de todas as técnicas de luta. Essa última hipótese estaria, também, em consonância com a imagem dos atletas como “vaso de argila”, mencionado anteriormente.

Na lista, nos v. 8-9, notam-se adversidades externas (perseguição e outras) e adversidades internas, relativas aos relacionamentos comunitários. Além de nos indicar o caráter ético de Paulo e a sua resistência diante das adversidades, essa lista nos aponta para algo mais profundo, que é a dimensão querigmática: o testemunho e a participação na morte e ressurreição de Jesus Cristo (v. 10-11), iniciada no Batismo. Portanto, não é simplesmente uma lista de dificuldades, mas testemunha a participação de Paulo no Mistério Pascal. Isso é confirmado com a afirmação da manifestação da vida de Jesus no corpo (*soma*) e carne (*sárx*) do Apóstolo.

O significado de *corpo* não pode ser reduzido aos elementos físico-químicos, ou orgânicos e biológicos, nem num conjunto de reações, mas indica a totalidade da pessoa, enfatizando a sua capacidade em estabelecer relações num espaço e num tempo. Já o termo “carne” sublinha a condição de fragilidade, o ser afetado, limitado, mortal. Paulo diz que tanto o *corpo* como a *carne* manifestam (*faneróō*), de forma privilegiada, a ação redentora de Deus realizada em Jesus Cristo (v. 10) e a esperança na ressurreição (v. 11.14).

Essas imagens também nos colocam em estreita relação com a tradição judaica, pois são elementos típicos do movimento profético e apocalíptico, quando se refere ao sofrimento do justo (cf. Is 8,22-23 LXX; Sl 73).

Interessante notar que Paulo, ao falar sobre as dificuldades, conflitos comunitários não os apresenta como problemas a serem resolvidos, ou posições a serem defendidas, mas como uma verdadeira participação no Mistério Pascal. E nós, como enfrentamos nossos conflitos comunitários e problemas apostólicos? Eles são discernidos à luz do Mistério Pascal?

Conclusão

Após esse panorama do uso da linguagem e metáforas agonísticas nos escritos paulinos, considerados como autênticos, nota-se que Paulo não tem nenhum problema em utilizá-las e quase sempre estão relacionadas ao seguimento de Jesus, que implica uma vivência ética cristã, comunitária e na esperança de uma vida futura (ressurreição).

Com isso, o primeiro aspecto que nos chama a atenção é a questão da linguagem que utilizamos para evangelizar e sobre a importância de nos servirmos de elementos, imagens, metáforas presentes na realidade na qual estamos inseridos, sobretudo, das grandes metrópoles.

Com relação aos jogos, acreditamos que sejam necessárias duas atitudes. A primeira é a de manter o espírito crítico, semelhante ao do período dos Macabeus, e nos perguntar: O que significa promover copas, campeonatos, olimpíadas? Quais são as motivações ou interesses? Quais são as “idolatrias”? Tendo presente, que idolatria não consiste somente em homenagear deuses pagãos, mas é idolatria absolutizar o dinheiro, o poder, a fama, o prestígio. Qual é o futuro dos estádios que foram construídos e a quem beneficiam? Será que esse dinheiro que é gasto não seria melhor investido em educação, cultura, saúde, saneamento básico e em tantas e tantas necessidades presentes em nossas cidades e regiões? Até que ponto as olimpíadas e copas atuais não mantêm a ideologia do “pão e circo”, servindo para esconder a corrupção e tantas falcatruas dos nossos dirigentes?

Por outro lado, não podemos perder o “espírito esportivo”, que é a segunda atitude, e dessa forma perceber o que há de enriquecedor nessas iniciativas. Nesse sentido, reproduzo uma das mensagens da abertura das Olimpíadas em Atlanta, em 1996. Ela nos motiva a encantar-nos com o lado positivo dos jogos e servir-nos da garra, da dedicação do atleta, da sua obstinação em atingir a meta, como “metáforas vivas” para a nossa dedicação no seguimento de Cristo e nas práticas dos valores evangélicos em nossa sociedade. Desta forma, nos encoraja sempre mais a sermos verdadeiros discípulos-missionários, ousados profeticamente. A mensagem diz¹⁹:

19. Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=WZCjvg4u3sE> >. Acesso em 3 jun. 2013.

*“O milagre se repete...
e o mundo inteiro cabe dentro deste estádio olímpico,
mais uma vez vamos mostrar do que somos capazes.
Bandeiras de países em guerras vão se balançar lado a lado.
Sob o efeito do vento que sopra no planeta Terra,
a raça humana se une,
se abraça e canta o mesmo hino.
Mais de 10.000 atletas vão correr atrás da história e
vão mostrar que o mundo muda em 10 segundos.
Recordes serão quebrados,
o corpo humano será veloz,
voará em direção ao sol e
brilhará com o ouro das medalhas.
Hoje recomeça o sonho da chama que jamais se apaga e
que mostra ao mundo que a paz é possível.
Os jogos olímpicos... festa (...) que emociona, que comove,
que tem suas partes obrigatórias, que tem todo um cerimonial,
que mesmo na parte artística tem que contar um pouco da cultura do país
sede...
mas que acima de tudo dá sempre essa lição de fraternidade,
de fé, de amizade, de paz (...).”*

*Zuleica Aparecida Silvano
Assessora do Serviço
de Animação Bíblica-Paulinas (SAB/Paulinas).
Pertence ao grupo de Pesquisa Bíblica da FAJE
(Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia/BH) e da
ABIB (Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica)*